

Uma contribuição sobre o estado da ciência econômica na França e no mundo

James K. Galbraith[§]

O Professor Robert Solow, um economista distinto e notavelmente não-autista, entrou recentemente, nas páginas do *Le Monde*, no debate sobre as questões do ensino da economia levantadas originalmente pelos estudantes franceses e agora apresentadas à comunidade mundial. Permita-me salientar os pontos importantes reconhecidos pelo Professor Solow, enquanto que ofereço, ademais, alguns pontos divergentes sobre os quais, em minha visão, os estudantes franceses apresentaram um caso mais forte do que o Professor Solow deseja admitir.

O Professor Solow coloca de imediato a questão fundamental:

A economia é uma ciência aplicada... Se é verdade, como afirmam os estudantes, que o componente empírico da economia é praticamente inexistente nos seus cursos, então os seus professores não fazem corretamente o seu trabalho. Se se ensina a economia aos estudantes franceses como se se tratasse de uma disciplina axiomática ou como se consistisse na aplicação repetitiva de uma só técnica de análise elaborada, então eles têm razão de protestar.

Isto parece-me resumir exatamente o protesto dos estudantes franceses. Naturalmente, o Professor Solow é cuidadoso em não fazer comentários, como uma autoridade, sobre o ensino da economia na França no seu estado atual. Este seria um assunto do qual nem ele e nem eu temos conhecimento pessoal. Mas quem está em uma posição para saber, senão os estudantes e seus professores? Um investigador imparcial deve, portanto, voltar à evidência oriunda dessas fontes.

§ Professor da Lyndon B. Johnson School of Public Affairs, University of Texas at Austin.

Tradução do inglês: Sylvia M. S. Cristovão dos Santos, da página http://www.btinternet.com/~pae_news/Galbraith1.htm.

Esta evidência é direta. Temos, primeiro, o testemunho dos estudantes. Citando a tradução inglesa de um de seus documentos:

“(...) estamos perturbados pela contínua construção de mundos imaginários: isto é, construções intelectuais (os famosos modelos) cuja relevância continua sem ser demonstrada. Temos também questionado a deficiência evidente do pluralismo... O que exigimos é simples: ter instrumentos teóricos e empíricos que nos permitirão entender o mundo no qual vivemos. As aulas de economia discutem negócio, o estado ou mesmo o mercado? Não. Ensinam-nos o funcionamento da economia da França, da Europa, do Japão? Não. As aulas habilitaram-nos para entender as recentes crises da Ásia, as flutuações do Euro.... Não.”

Para um economista americano, ministrando cursos sobre desigualdade, desenvolvimento e crises financeiras em uma universidade de pesquisa - tendo exatamente retornado de um encontro nacional em New Orleans, onde uma grande parte da agenda foi tomada pelas discussões sobre instabilidade financeira, conflito de comércio e a má administração da globalização -, essas afirmações são extraordinárias. Eu diria que elas são, no mínimo, chocantes. São elas contestadas por qualquer grupo de estudantes de oposição ou por qualquer documentação mostrando que tais questões fazem parte, de fato, do ensino da economia na França? Para meu conhecimento, não foram.

Assim, são elas contestadas pelos professores cujo trabalho está sendo incriminado tão profundamente? Primeiro, vale a pena observar que enquanto os estudantes estão unidos, os professores franceses estão divididos. Alguns apóiam os estudantes. Outros não. Este último grupo admite este fato numa contra-resposta recentemente publicada no *Le Monde*:

Un certain nombre de professeurs et d'étudiants en économie ont signé et diffusé un appel demandant une refonte de l'enseignement de l'économie, estimant que celui-ci repose trop sur la formalisation mathématique. Cet appel a le mérite de soulever un authentique problème, celui de la démarche scientifique en économie. Il l'aborde toutefois de façon réductrice, en contestant l'usage (instrumental) des mathématiques et ce conclut par une attaque partisane à l'encontre de l'un des corpus centraux de notre discipline, à savoir les théories dites néoclassiques.

A resposta destes professores levanta, assim, duas questões: a primeira, sobre o papel da matemática no ensino da economia e, a segunda, sobre uma alegação de que os estudantes lançaram “um ataque guerrilheiro” contra as teorias centrais da economia científica moderna.

O próprio Professor Solow rejeitou corretamente a primeira questão: “*Advogar a favor ou contra o uso da matemática não é pertinente, como admitem os estudantes na sua petição.*” Os estudantes não levantaram uma objeção ao uso da matemática na economia, e é irrelevante refutar seu protesto neste campo.

É, portanto, a segunda questão - a questão de se os estudantes franceses devem ter impropriamente feito alguma objeção ao núcleo das proposições e métodos de uma economia científica - que é pertinente e, aqui, o Professor Solow expressa suas reservas sobre o movimento. Esta é a questão, de fato, interessante, que tende também a preocupar economistas profissionais que se interessam, de maneira séria, por questões metodológicas.

Em primeiro lugar, o Professor Solow mostra, correta e notavelmente, que a economia aplicada consiste propriamente de uma série de modelos particulares, extraídos de uma variedade de tradições intelectuais e científicas, que ajudam a estruturar o pensamento sobre questões empíricas.

Assim, por exemplo, a distribuição de mudanças nos preços dos ativos ou taxas de câmbio seguem uma curva normal ou uma curva com caudas mais amplas e, portanto, maior risco de desvios catastróficos? O mercado de trabalho de baixa remuneração é caracterizado pelo poder monopsônico (de maneira que elevação do salário mínimo deve aumentar em vez de reduzir emprego)? Os movimentos livres do capital internacional podem ser justificados quando a informação não está igualmente disponível para todos os lados envolvidos nas transações? A desigualdade econômica tende a cair ou a aumentar com o crescimento econômico? O desemprego aumenta quando a desigualdade cai e vice-versa (a posição convencional), ou sociedades mais igualitárias têm pleno emprego, como regra, ao contrário das sociedades menos igualitárias (minha posição)? Todas essas questões podem ser, e são, contestáveis, usando instrumentos que devem fazer parte do treinamento de pesquisa dos economistas em qualquer lugar.

O Professor Solow observa que os estudantes franceses não deixam claro o que eles entendem exatamente a respeito do quanto do campo da tão falada economia “neoclássica” está sob esta disputa atualmente. Mas como poderiam deixar tal coisa clara se ela não é parte de seu treinamento?

E isso nos leva à questão: o que estão os professores ensinando? **Em nenhum momento** na contra-resposta há o simples reconhecimento de que estas questões e outras similares estão, de fato, entre as questões mais calorosa e abertamente questionadas na economia hoje. De fato, os professores não reconhecem que quaisquer questões são contestadas! Em vez disso, eles recorrem a uma caracterização de sua disciplina que é completamente divergente da abordagem prática e pragmática descrita pelo Professor Solow. Aqui está como eles descrevem o seu papel:

L'identification et la définition et la définition précise des concepts et des comportements qui caractérisent l'activité économique (consommation, production, investissement..) et l'énoncé des hypothèses de base relative à ces comportements; la formulation de théories ayant comme mode d'expression la formalisation de liens fonctionnels entre les éléments précédemment identifiés; la vérification de ces théories par l'expérience. Jusqu'à preuve du contraire, en économie cette expérience ne peut être constituée que par la confrontation à l'histoire quantifiée par la statistique et l'économétrie.

Em outras palavras, os professores desta contra-resposta mostram-se desatentos à principal controvérsia sobre as questões mais importantes de teoria, fato e política às quais até mesmo a economia neoclássica dedicou-se em anos recentes. Eles parecem alheios à heterogeneidade dos modelos e métodos surgidos em todo lugar na investigação econômica. Sinceramente, se esta é uma percepção correta, então, nas palavras do Professor Solow, “*eles não fazem corretamente o seu trabalho.*”¹

Mas, e quanto à questão das abordagens teóricas alternativas? Há alguma coisa omitida até mesmo dos domínios mais calorosamente contestados da principal corrente econômica moderna? Acredito que sim, e apontaria para três grandes áreas que quase desapareceram do ensino da economia mesmo onde esta atividade é também competentemente realizada, a um custo social e intelectual bem considerável.

A primeira área é a história da própria economia. As raízes intelectuais de nosso assunto - remontando à tradição anglo-americana para Smith, Ricardo, Malthus, Marx, Mill, Veblen (não sueco como o *Le Monde* erroneamente reportou de passagem, mas americano), Keynes e

1 Deve-se adicionar que o restante da contra-resposta inclui um esforço para manchar os motivos dos professores e estudantes envolvidos no protesto. Esta seção, com sua referência à “teoria da conspiração” não sustentada pela evidência, não inspira confiança na disposição científica daqueles que a assinaram.

Galbraith **pai**, para não mencionar grandes figuras francesas como Quesnay, Say, Walras... são dolorosamente negligenciadas e, assim, é o estudo da relação histórica entre economia e outras disciplinas, notadamente física e a teoria da evolução, bem como a moderna filosofia da ciência (um tópico amplamente mais interessante do que faz crer a crua descrição do método na contra-resposta dos professores franceses). Como uma questão de formação intelectual, muito da criatividade potencial é perdida quando os estudantes não são expostos às origens de sua própria disciplina como um objeto de estudo.

Segundo, há uma tradição da macroeconomia e da economia monetária que foi amplamente submersa pela ênfase neoclássica sobre transações de mercado entre firmas e famílias. Um entendimento próprio de política monetária, contabilidade fiscal, demanda efetiva, relações de débito, operação de bancos e instituições de crédito, a instabilidade de fluxos financeiros e assuntos similares forma o núcleo de uma tradição keynesiana e pós-keynesiana. Estou certo de que esta tradição não desapareceu **inteiramente** da economia do lado americano do Atlântico. Mas merece um lugar muito mais proeminente e mais estável do que recebe.

Aqui, de fato, uma questão de pluralismo é levantada. Por exemplo, pode-se observar desemprego em massa como um fenômeno de “mercados de trabalho imperfeitos” (a estrutura neoclássica) exigindo reduções no salário real como a principal solução. Ou, pode-se observar desemprego em massa como principalmente um fenômeno de demanda efetiva inadequada (a posição teórica keynesiana) exigindo mecanismos para sustentar as rendas daqueles que não são pagos adequadamente nos mercados privados. Ambas as observações podem ser rigorosamente formuladas. Mas ambas não podem estar corretas. A noção que a principal corrente da economia tem, de certa forma, demonstrado, ao contrário de ter simplesmente afirmado, o triunfo neoclássico sobre a visão keynesiana está completamente errada.

Terceiro, eu argumentaria, da minha experiência como professor de métodos de investigação, que os estudantes franceses estão corretos em enfatizar a necessidade de instrução em diferentes contextos institucionais, políticos, estruturas nacionais e internacionais, histórias da política e também métodos para coletar dados econômicos e para avaliar a qualidade de informação contida nos conjuntos desses dados. Há diferenças vitais, por exemplo, entre o Banco Central dos Estados Unidos e o Banco Central da Europa, quanto ao que se considera ser sua missão, estrutura legal, dever de prestar contas e fiscalização. O entendimento dessas diferenças formaria um importante pano de fundo de um estudo comparativo analítico da conduta da política monetária nas duas regiões. A caricatura de um banco central apresentada nos manuais de economia - que se é levado a suspeitar, é a que é exposta para os estudantes de economia na França - não proporcionará uma base suficiente para construir tal estudo.

Pode-se multiplicar exemplos desse tipo geral - devo mencionar minha própria investigação na mensuração de desigualdades na economia global -, mas o ponto permaneceria o mesmo. Uma economia científica, como Professor Solow coloca, com minha concordância enfática, deve ser uma iniciativa diversa, pragmática, aplicada, com uma discussão aberta de questões controversas. Eu vou além do Professor Solow ao enfatizar que o arranjo central das proposições teóricas em economia também permanece entre as questões dignas de debate e, portanto, de sua inclusão no currículo de economia, uma vez que uma estrutura teórica não pode ser debatida a menos que seja, primeiro, corretamente ensinada. A pretensão de que uma simples estrutura axiomática pode ser, ou foi construída, para todo o sempre, de princípios básicos e verificada pela observação - a proposição afirmada da contra-resposta - revela meramente até onde esta proposição está distante da realidade de nossa profissão.

Também constitui a melhor evidência de que os estudantes franceses estão corretos na sua petição para uma reforma fundamental.